

PLACAR

www.placar.com.br



ESPECIAL
Tiazinha dá bola para a PLACAR



FERNANDO BAIANO
O corintiano já é Seleção

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO
Teste seus conhecimentos em 29 perguntas

Conheça o Ajax da selva

Super Serginho

O melhor lateral esquerdo do Brasil



Os bastidores da volta de Edmundo

563 Nº 1150 ABRIL DE 1999 R\$ 5,10
ISSN 0104-1762 01150 >
9 770104 176000



Abril

O Sedorf brasileiro

Para quem não acompanha a carreira do volante Alexandre, do São Paulo, a comparação com o craque holandês soa absurda. Como Sedorf, Alexandre faz parte da rara linhagem de jogadores dotados de grande capacidade física, mas que também possuem excelente técnica. Não foram poucas as vezes que saiu driblando vários adversários, como um autêntico meia. Tem chute certo de fora da área e, para não correr riscos, é melhor não deixá-lo livre. Com 16 anos, era titular do Rio Branco-SP. Em 1997, foi contratado pelo São Paulo. Ganhou a vaga no time principal do Tricolor, no Campeonato Paulista de 1998, pelas mãos do técnico Nelsinho Baptista, o primeiro a compará-lo com Sedorf. Só saiu do time por contusão. Luxemburgo é admirador do seu futebol e chegou até a convocá-lo para a Seleção principal. Recém-recuperado de uma fratura na tibia, que o obrigou a ficar quatro meses parado, voltou ao time titular do São Paulo no início de março. Mesmo sem muito ritmo de jogo, foi convocado para o Mundial. "Sabemos da contusão, mas sua autoridade no meio-campo será indispensável para a Seleção", afirma Candinho.



ALEXANDRE BATTIBUGLI

Alexandre: voltou após quatro meses no estaleiro

ALEXANDRE TEM POTENCIAL PARA SER TITULAR DA SELEÇÃO POR MUITOS ANOS

Nelsinho Baptista, ex-técnico do São Paulo

Ronaldo: melhor na Seleção do que no Grêmio

Mais um Ronaldinho

Dos dezoito jogadores convocados para o Mundial, o meia-atacante Ronaldinho, do Grêmio, é o mais imprevisível. A jogada genial, o passe surpreendente, o drible que humilha, tudo isso faz parte do seu repertório. Tem grande arranque, como o Ronaldinho da Seleção principal, e foi um dos raros talentos do fraco time que ficou em terceiro lugar no Sul-americano. Mas, se joga uma barbaridade com a camisa da Seleção, ainda não conseguiu mostrar seu potencial jogando pelo Grêmio. "O Ronaldo é especial", diz o técnico Toninho Barroso, que o treinou no Sul-americano. Se ganhar a confiança para se transformar num craque maduro, tem talento suficiente para fazer mais sucesso que o irmão, o meia Assis, ídolo do Tricolor gaúcho no final dos anos 80. ■



EDISON VARRA

RONALDO É UM CRAQUE. SÓ QUE, POR SER TÍMIDO, NÃO SE IMPÕE QUANDO ATUA COM JOGADORES MAIS EXPERIENTES

Toninho Barroso, ex-técnico da Seleção Sub-20

teste

SUPER-SERGINHO

POR CELSO UNZELTE

Veloz como Roberto Carlos, mais bem preparado fisicamente que Felipe, tão bom nos cruzamentos quanto Júnior. Preferido pelos torcedores e eleito para a Seleção de Wanderley Luxemburgo, Serginho é o lateral-esquerdo mais completo do Brasil no momento



11 dos
39 gols

do São Paulo
neste ano*
sairam dos
seus pés

11,45 km

distância
que ele
percorre
por jogo

5,8

segundos

tempo que
ele leva
para correr
50 metros



*Nove gols e duas assistências, até o jogo São Paulo 5 x Portuguesa Santista 1, pelo Campeonato Paulista, em 21 de março.



MEU PONTO
FORTE É A
VELOCIDADE.
O FRACO, A
MARCAÇÃO

SERGINHO

Sérgio Cláudio dos Santos
27 anos (27/6/1971),
1,80 m, 73 kg, nasceu em
Nilópolis (RJ)

Clubes: Itaperuna-RJ (1993),
Bahia (1994), Flamengo
(1994), Cruzeiro (1994 a
1996), São Paulo (desde
1996). Já está vendido para
o Milan, da Itália

Títulos: Campeão baiano
pelo Bahia (1994) e paulista
pelo São Paulo (1998).

Valor do passe: 12 milhões
de dólares, pagos pelo
Milan ao São Paulo para
tê-lo a partir de julho

Em novembro de 1998, o Barce-
lona, da Espanha, estava inte-
ressado no lateral-esquerdo Ser-
ginho, do São Paulo. Travou-se,
então, o seguinte diálogo entre

um representante tricolor e o presidente
do Barça, José Luís Nuñez:

- Ele é melhor que o Roberto Carlos?
- Não. São jogadores diferentes.
- Então, ele é pior que o Roberto Carlos?
- Também não. Roberto tem mais potên-
cia muscular; Serginho é mais técnico.

O negócio acabou não saindo, mas a questão permanece. Como comparar jogadores de características tão diferentes? Para respondê-la, PLACAR avaliou os quatro melhores brasileiros da posição na atualidade. As discussões começaram a partir da escolha dos candidatos. “Cadê o Silvinho, do Corinthians? E o André Luís, do Cruzeiro?”, quis saber o próprio Serginho quando viu a lista de concorrentes. “Estão esquecendo o Zé Roberto, do Bayer Leverkusen?”, palpitou Roberto Carlos.

Polêmicas à parte, há boas razões para concluir que Serginho é, hoje, o mais completo, seguido de perto, muito perto, por Roberto Carlos, do Real Madrid, da Espanha. Depois, vêm Felipe, do Vasco, e Júnior, do Palmeiras, ganhador da Bola de Prata de PLACAR no Brasileiro de 1998.

E o vencedor é... Serginho!

Para chegar ao vencedor, foram escolhidas oito características desejáveis em um lateral-esquerdo moderno: assistência (incluindo, principalmente, cruzamentos), chute, disciplina, drible, marcação, recuperação, velocidade e versatilidade. O vencedor em cada quesito levou 4 pontos; o segundo ficou com 3; e assim por diante. Os pontos foram somados e Serginho apareceu no topo do ranking (*veja o quadro no final da reportagem*). Enquanto isso, uma enquete feita por PLACAR na internet revelou que Serginho é também o preferido do torcedor entre os quatro indicados (*veja quadro na página ao lado*).

“Sinto um grande alívio com isso”, confessou Serginho ao tomar conhecimento do resultado. Não é para menos. Aos 27 anos, esse fluminense de Nilópolis conseguiu superar um mito entre os próprios jogadores. “Atuar na mesma posição de alguém que foi considerado o segundo melhor do mundo não é fácil. Ele é o rival número um de qualquer lateral.”

No teste, Serginho pouco se destacou isoladamente. Foi o melhor somente em dois itens, e, mesmo assim, empatado com outros. No todo, porém, somou mais pontos. Mostrou velocidade comparável à de Roberto Carlos, cruzamentos tão precisos quanto os do palmeirense Júnior (ou-

tro rei das assistências) e preparo físico superior ao de Felipe, seu rival imediato e companheiro de quarto de concentração nas últimas convocações para a Seleção.

O ponto forte deste Super-Serginho é a velocidade, como ele mesmo avalia. "Dizem que tenho um tempo à altura dos corredores de 100 metros rasos, mas nunca realizei esse tipo de prova." Nos testes da Comissão Técnica do São Paulo, Serginho já correu 30 metros em 3,7 segundos. E 50 metros em 5,8 segundos.

Em campo, o jogador traduz essas marcas na espantosa média de 41 piques por partida, quase um a cada dois minutos de jogo. Seu técnico, Paulo César Carpegiani, aprova tanta disposição. Mas faz uma crítica construtiva em relação ao seu estilo: "Ele tem uma velocidade muito boa, e por isso desequilibra as partidas. Falta, porém, esperar o momento certo para o grande lance. Não pode usar dez vezes a mesma jogada. Basta dar cinco piques, desde que todos com bons resultados".

Roberto Carlos: 100 m em 10,6 s

Velocidade comparável à de Serginho, só a de Roberto Carlos. Seu tempo nos 100 metros é de 10,6 segundos (o recordista mundial, Donovan Bailey, do Canadá, cobre a mesma distância em 9,84 segundos). "Acho minha velocidade mais importante que a potência do meu chute", surpreende o lateral da Copa. Em uma corrida cabeça a cabeça, os outros ficariam abaixo. Júnior precisa "estar bem condicionado" para correr bem. E Felipe — cujos números, segundo a Comissão Técnica do Vasco, foram omitidos porque "ele perderia" — reconhece: "Corro mais no ataque".

Em matéria de intimidade com a bola, porém, ninguém supera o vascaíno. Daí

sua vitória no item Drible. "Ver a cara de espanto do meu marcador depois de uma entortada me enche de prazer", confia o próprio lateral. O segundo melhor driblador é Serginho. "Minhas fintas são sempre em direção ao gol. Nunca driblo para trás ou para os lados", avalia. Júnior, dono de dribles curtos porém menos constantes, ficou em terceiro. Roberto Carlos, cujo ponto forte não é o drible, em quarto.

Outra vitória de Felipe aconteceu em versatilidade. "Ele reinventou o significado da palavra polivalência", derrete-se Antônio Lopes. "Pode executar tanto a função de volante quanto a de meia ofensivo." Serginho fica um pouco atrás, mas também é capaz de mudar uma partida. "Contra o Corinthians, pelo Rio-São Paulo, o Carpegiani me deslocou da lateral para o meio", exemplifica. "Não gosto de jogar de costas para os zagueiros, mas a coisa funcionou. Perdíamos de 1 x 0 e, em uma jogada minha, cavamos um pênalti e empatamos." Ponta-esquerda de origem, Júnior só não tem se mostrado tão versátil quanto Serginho porque, com um elenco numeroso nas mãos, o técnico Luiz Felipe raramente apela para improvisações. ➤

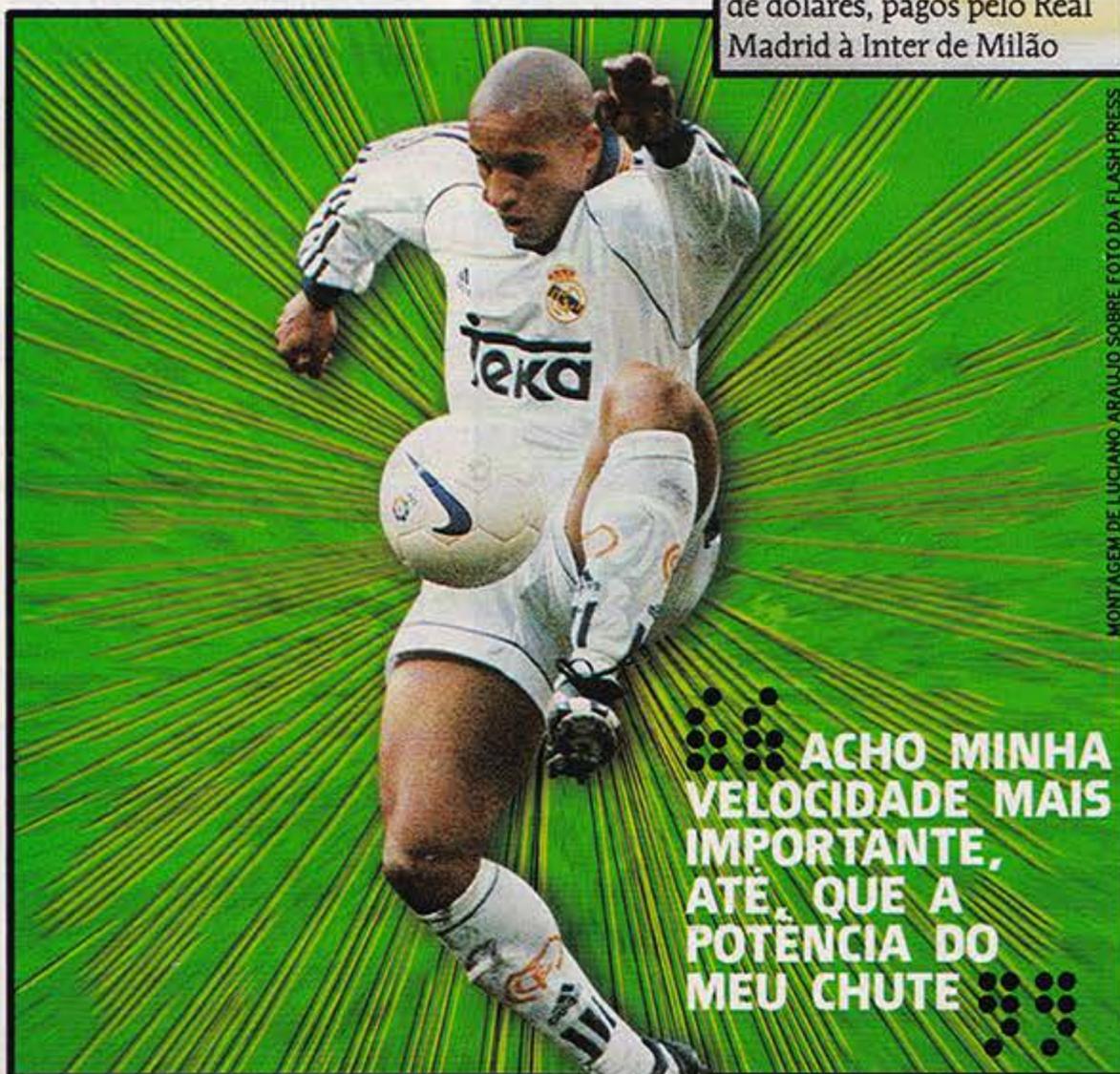
ROBERTO CARLOS

Roberto Carlos da Silva
25 anos (10/4/1973),
1,68 m, 67 kg, nasceu em
Garça (SP)

Clubes: União São João de Araras-SP (1990 a 1992), Palmeiras (1993 a 1995); Internazionale, da Itália (1995 a 1996) e Real Madrid, da Espanha (desde 1996)

Títulos: Campeão pré-olímpico (1991 e 1996) e da Copa América (1997) pela Seleção Brasileira; paulista (1993 e 1994), brasileiro (1993 e 1994) e do Torneio Rio-São Paulo (1993) pelo Palmeiras; espanhol (1996 e 1997), da Copa dos Campeões da Europa (1998) e mundial interclubes (1998) pelo Real Madrid

Valor do passe: 7,3 milhões de dólares, pagos pelo Real Madrid à Inter de Milão



MONTAGEM DE LUCIANO ARAUJO SOBRE FOTO DA FLASH PRESS

Quem é o melhor lateral-esquerdo do Brasil?

PLACAR fez essa pergunta em seu site na internet durante uma semana, de 11 a 18 de março. E Serginho também levou a melhor

1º Serginho (São Paulo)	1 848 votos (50,2% do total)
2º Felipe (Vasco)	1 206 votos (32,8%)
3º Júnior (Palmeiras)	400 votos (23,1%)
4º Roberto Carlos (Real Madrid)	228 votos (6,2%)
Total	3 682 votos

TENHO UM DRIBLE CURTO, DE FUTEBOL DE SALÃO. NISSO, É RUIM ALGUÉM ME SUPERAR

FELIPE

Felipe Jorge Loureiro

21 anos (2/9/1977),

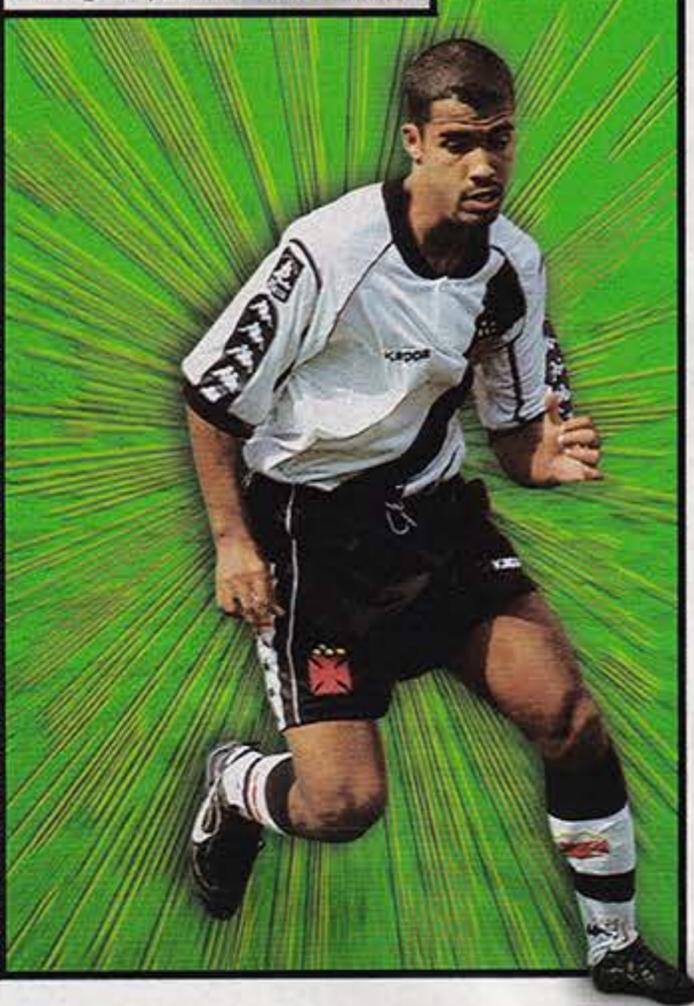
1,75 m, 69 kg, nasceu

no Rio de Janeiro (RJ)

Clubes: Vasco (desde 1996)

Títulos: Campeão brasileiro (1997), carioca (1998), da Taça Libertadores (1998) e do Torneio Rio-São Paulo (1999) pelo Vasco

Valor do passe: O Vasco recusou uma proposta de 20 milhões de dólares feita pela Juventus, da Itália



MONTAGEM DE LUCIANO ARAUJO SOBRE FOTO DE EDUARDO MONTEIRO

Nenhum deles marca bem

Se existe um quesito em que nenhum dos quatro se sobressai — e, pelo visto, não fazem muita questão de se sobressair — é a Marcação. Tanto que os quatro concorrentes não alcançaram o valor máximo. “Serginho tem noção do setor, mas necessita de aperfeiçoamento”, avalia Carpegiani. Algo que o próprio Wanderley Luxemburgo, em conversas particulares, já pediu ao são-paulino. “O Felipão vive gritando para mim nos treinos: ‘Vá para o ataque, pois você sabe fazer. Mas, na hora da marcação, tenha cuidado’”, conta Júnior. “O desarme não chega a ser o forte do Felipe. Na verdade, seus marcadores é que têm que se preocupar em desarmá-lo”, desconversa o técnico Antônio Lopes, quando perguntado sobre essa característica em seu comandado Felipe. Resultado: os três ficam juntos em segundo lugar, com 2 pontos. Atrás, mais uma vez, de Roberto Carlos, que leva 3. “Ele é mesmo melhor, na marcação, que eu e o próprio Felipe”, reconhece Serginho.

Disciplina foi outra avaliação em que nenhum dos concorrentes mereceu nota máxima. Excetuando-se as tesouras voadoras de Roberto Carlos (responsáveis diretas por sua colocação em terceiro, ao lado de Felipe), nenhuma outra jogada mais ríspida é típica desses laterais. Na verdade, eles mais reclamam do que batem. “Às vezes, peço por incomodar demais o árbitro”, assume Serginho. “Ser expulso contra o Vasco, no Torneio Rio-São Paulo, foi

uma pisada na bola que eu não quero repetir”, desculpa-se Júnior. Por conta deste *mea culpa* e do currículo de expulsões relativamente curto (duas cada um), os dois ficam em primeiro, mas com apenas 3 pontos. Atenuante que não pôde ser aplicada nem a Felipe (envolvido em uma briga com policiais em Natal, durante o jogo América-RN 0 x Vasco 1, pela Copa do Brasil) nem a Roberto Carlos (que também prejudicou o Real recentemente, sendo expulso contra o Barcelona).

Páreo duro nas assistências

A melhor briga aconteceu no quesito Assistência, que, no caso dos laterais, inclui uma boa porcentagem de cruzamentos. No final do ano passado, cerca de 80% dos gols do Real Madrid passavam pelos pés de Roberto Carlos. A estatística ainda não foi atualizada para 1999. Por mais que a média (como o time) possa ter caído, no entanto, basta acompanhar os jogos do Campeonato Espanhol e da Copa dos Campeões para verificar que ela ainda é respeitável. Roberto Carlos é o motor do time. No Palmeiras, segundo cálculos do assessor de imprensa Acáz Fellegger, Júnior fechou 1998 com 18 participações nos 151 gols marcados pelo time (só perdeu para Arce, com 19). Em 1999, havia tomado parte em três dos primeiros 25 gols marcados. “Só que aí tem uma diferença: ele tem jogadores como o Oséas e o Evair para esperar seus cruzamentos”, justifica Serginho. “Pra gente que é lateral, é mais fácil achar um cara como eles, que têm como ponto forte a cabeçada, do que jogadores técnicos como o Dodô ou o França, que jogam comigo.”

Apesar dessa diferença, o são-paulino mantém, também, um nível elevado. No Brasileiro de 1998, dez dos 34 gols marca-

Os outros laterais da era

PLACAR

1970

O melhor, para o público e para a crítica, era Marco Antônio, do Fluminense. Contundido, acabou participando de apenas dois jogos na Copa do México, contra Romênia e Peru. Por isso, na foto oficial do Tri, quem aparece é seu substituto, o gremista Everaldo, que só defendia.

1974

Na Copa da Alemanha, Marinho Chagas, do Botafogo, colocou Marco Antônio no banco. Foi o precursor dos laterais que avançavam. Por conta disso, recebeu até um tapa do goleiro Leão, que o considerou culpado pelo gol polonês na derrota por 1 x 0 (disputa do terceiro lugar).

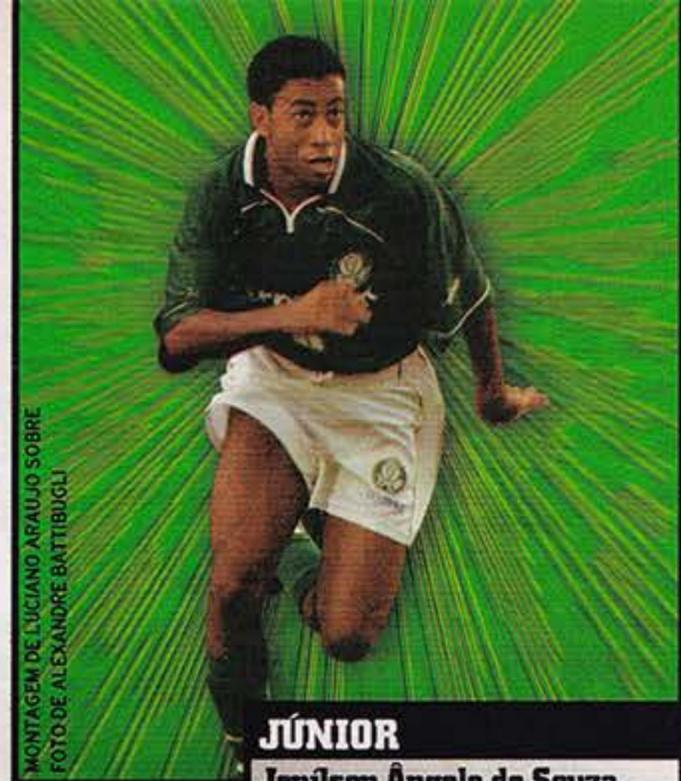
dos pelo Tricolor saíram de jogadas dele. Neste ano, dos 39 primeiros gols do time, onze passaram pelos seus pés (marcou 9). “Antes mesmo de começar a ser lembrado para a Seleção, 80% dos gols do time já passavam pelos meus pés”, garante. Nada mais justo, portanto, que um triplice empate entre Roberto Carlos, Júnior e Serginho. Felipe fica um ponto atrás, principalmente por causa da deficiência em cruzar. “Às vezes, quando chega à linha de fundo, ele prefere o passe ao cruzamento”, testemunha o atacante vascaíno Guilherme, um dos responsáveis pela conclusão desse tipo de jogada. “Felipe cruza, em média, de cinco a seis vezes em um jogo”, garante Antônio Lopes. “Mas não é um cruzador nato. Prefere, na maioria das vezes, cortar a jogada pelo meio, mais ou menos no estilo do Júnior, ex-Flamengo.”

Favorito natural no quesito Chute (o seu chega a imbatíveis 170 km/h), Roberto Carlos deixa todos os rivais comendo poeira. Em Recuperação, o lateral esquerdo do Real Madrid também é o melhor, principalmente por sua força física. “O segredo todo não está no lateral se matar, mas em ter uma boa cobertura por parte de um volante ou de um dos zagueiros. Com isso, tanto eu quanto o Serginho, o Felipe ou o Júnior temos condições de fazer um bom trabalho na Seleção”, ensina. “Treinador inteligente é aquele que explora nosso potencial ofensivo. Não

estamos mais nos anos 50, 60 ou 70, quando o lateral não avançava.” Serginho, o segundo colocado, garante que só sente o fôlego indo embora depois do “quarto pique seguido” — o que, convenhamos, não é pouco. Felipe, cujo forte não é mesmo o físico, assume não ter “fôlego para ir e vir”. Júnior, outro que é melhor atacando que defendendo, tem a mesma dificuldade dos colegas. E filosofa: “Lateral tem que ir e voltar. Pode não ser fácil, mas é importante”.

Sorte da Seleção Brasileira

A avaliação de Wanderley Luxemburgo coincide com o resultado deste teste. Ao escolher Serginho como titular e Felipe como reserva na primeira convocação do ano, o técnico deixou claro que, por enquanto, quem joga no Brasil tem preferência. “Quando um jogador sai do país, some um pouco, mesmo”, reconhece Serginho, de malas prontas para defender o Milan, da Itália. “No meu caso, é um risco assumido.” Roberto Carlos concorda: “É mais fácil ir para a Seleção jogando no Brasil do que na Europa”. Em seguida, deixa no ar uma constatação, principal conclusão do teste: “Mesmo se eu não voltar, a Seleção estará bem servida”.



MONTAGEM DE LUCIANO ARAUJO SOBRE FOTO DE ALEXANDRE BATTIBUGLI

JÚNIOR

Jenilson Ângelo de Souza
25 anos (20/6/1973),
1,70 m, 63 kg, nasceu em
Santo Antônio de Jesus (BA)
Clubes: Vitória (1992 a 1995) e Palmeiras (desde 1995)

Títulos: Campeão baiano pelo Vitória (1995); paulista (1996), da Copa do Brasil (1996) e da Copa Mercosul (1996) pelo Palmeiras

Valor do passe: 4 milhões de dólares (valor arbitrado na Federação no início do ano)

●●●●● **MINHA CHANCE NA SELEÇÃO É IGUAL À DOS OUTROS. SE ELES ESTÃO BEM, EU TAMBÉM ESTOU** ●●●●●

TESTE									
Jogador	Assistência	Chute	Disciplina	Drible	Marcação	Recuperação	Velocidade	Versatilidade	Total
Serginho	4	3	3	3	2	3	4	3	25
Roberto Carlos	4	4	2	1	3	4	4	2	24
Felipe	3	2	2	4	2	2	2	4	21
Júnior	4	2	3	2	2	2	3	2	20

1978
 A posição fica vaga. Tempos de Rodrigues Neto, do Botafogo, e do deslocado zagueiro Edinho, do Fluminense, revezando-se na posição durante a invicta campanha do terceiro lugar na Copa da Argentina. Até o flamenquista Toninho, que jogava pela direita, passou por lá. Nenhum aprovou.

1982
 Raro exemplo de lateral-esquerdo destro, Júnior, do Flamengo, também não escapou das críticas por “avançar demais”, desguarnecendo a defesa. Principalmente na Copa da Espanha. Seguindo sua vocação, a partir da Copa seguinte, se transformou em um talentoso meio-campista.

1986 a 1994
 Surgiu Branco. Ele sofreu o pênalti, desperdiçado por Zico contra a França, na Copa do México, em 1986. Foi titular em 1990, na Itália. E sobreviveria para ser tetracampeão do mundo em 1994, nos Estados Unidos, salvando o Brasil com um gol de falta contra a Holanda (3 x 2, Quartas-de-Final).



Feitiço tricolor


 Poucos torcedores são-paulinos podem exibir um retrospecto como o de Joana Prado, a deliciosa Feiticeira do programa *H*, da TV Bandeirantes. Ela assistiu a uma única partida do São Paulo, no Morumbi, durante seus 22 anos de vida. Apenas um jogo, mas que jogão! Foi no final do ano passado, decisão do Campeonato Paulista contra o Corinthians. O São Paulo precisava vencer e ganhou de 3 x 1 em uma exibição de gala de Raí. "Foi incrível, uma emoção inesquecível", lembra a Feiticeira. Única torcedora tricolor de uma família de corinthianos, ela costuma fugir dos lugares-comuns. O craque/modelo Raí, por exemplo, não faz seu tipo. "Gosto de ser diferente, prefiro mil vezes a beleza do Dodô", garante a musa do *H*.

